

PASTA - 6

P/Olimpio / do Gustavo

DOC 2

CEB	P. H. B.
DATA	31 12, 86
COD	M. G. D. 25

RELATÓRIO SOBRE O P.I. MEKRÃGNOTI

1. a saúde na comunidade
2. demografia
3. a terra dos Mekrãgnotí
4. transporte
5. a aldeia nova
6. observação
7. o casal de cineastas (Sr. Debruyne e Sra. Wymeersch).

por Gustaaf Verswijver

## INTRODUÇÃO.

Conforme as autorizações 019/78 e 036/78, da FUNAI, eu fiquei no posto indígena Mekrãgnoti (situado no extremo Sul do estado do Pará), a fim de continuar as minhas pesquisas etnológicas. Neste relatório, destinado à FUNAI, (DGPC., DGPI. e 2da DR), serão relacionados alguns aspectos ou acontecimentos que eu pude observar durante o período que estive naquela aldeia (junho-setembro).

### I. A SAÚDE:

Em 1968 teve uma epidemia de gripe na aldeia Mekrãgnoti, onde, naquela época, o missionário Dale Schneider (da MICEB) e sua mulher estavam trabalhando.

A epidemia, que durou uns 3 meses (maio-junho), dizimou umas 30 à 40 pessoas. Já que o rádio dos missionários estava quebrado, era, então, impossível de pedir ajuda.

De 1969 em diante, com a atuação da FUNAI e do SIL nesta comunidade, a assistência médica foi excelente, sendo que por ano, uma média de só uma ou duas pessoas morreram.

No início de maio deste ano (1978), teve, porém, de novo uma epidemia de gripe nesta aldeia. A situação era bastante precária, já que, como no caso de 1968, o rádio do posto não funcionava neste momento. Em uma única semana, morreram 5 índios, e tudo indicava que os acontecimentos de 1968 iam se repetir. O chefe de posto (sr. Franciné) decidiu então mandar 2 homens para o P.I. Bau (à uns 150 kms. em linha reta do P.I. Mekrãgnoti), levando uma carta pedindo a urgente ajuda da 2da delegacia (Belém). A viagem à pé dos 2 homens levou uma semana.

Logo depois do chefe de posto do P.I. Bau ter transmitido a mensagem para Belém, essa D.R. tomou providências imediatas. A assistência da 2da D.R. nessa ocasião foi máximo: no dia seguinte mandaram a EVS., composta de um médico, um laboratista e 2 enfermeiras, para a aldeia. Foram levados 7 índios para o hospital de Itaituba/Altamira, para melhor atendimento. Trouxeram comida (i.e. leite em pó, mingau e arroz) e 2 vezes por dia, a turma da FUNAI fez mingau para os índios mais fracos da comunidade - nessa época, já que todo mundo estava

doente, quase ninguém foi caçar ou trabalhar na roça, resultando em falta de comida e a consequente fraqueza da maioria dos índios.

A EVS. ficou 2 semanas na aldeia, até que a situação estava sob controle. Depois da saída dessa EVS., uma enfermeira ficou no posto para continuar o atendimento nesta comunidade.

Em total morreram 6 índios (sendo 2 mulheres com mais de 50 anos de idade, uma mulher duns 30 anos e 3 crianças recém-nascidas).

Fim de junho acabou-se a epidemia, mas infelizmente, ainda não a agonia. Mais 2 índios tinham que ser levados para o hospital de Palém (uma mulher com furúnculo no pescoço e uma criança com malária com complicações).

Um mês depois, e apesar da excelente assistência médica aplicada pela enfermeira (Srta. Ociréma), morreu um homem (duns 40 anos de idade) depois de ter sofrido uma picada de cobra. Cinco dias depois morreu mais uma criança (uma menina com menos de 1 ano). A causa: infecção intestinal.

Apareceram também na época vários casos de alergia (nos olhos e dentro da boca). A razão dessa alergia era provavelmente a excessiva poeira que se constatava na aldeia. Este ano foi capinado uma área ao redor da aldeia, deixando um grande terreno limpo - com a seca, a poeira era abundante.

Fim de agosto, a situação de ponto de vista saúde, melhorou muito e, em setembro, não houve mais problemas de saúde (a não ser os casos de doenças comuns da região).

## II. DEMOGRAFIA :

Em abril 1977, a população total no P.I. Mekrãgnoti era de 286 pessoas. Mesmo com o número de óbitos que teve este ano (num total de 12), sendo:

- 6 pessoas na epidemia de gripe (maio-junho);
- 1 caso de aborto (maio);
- 1 homem de picada de cobra (junho);
- 1 criança de infecção intestinal (junho);
- 1 mulher de causa desconhecida (julho);
- 1 criança morreu afogado (fevereiro);
- 1 criança de malária com complicações (dezembro 1977);

a aldeia atual conta 306 índios, sendo um crescimento de 20 pessoas.

### III. A TERRA DOS MEKRÄGNOTÍ.

#### a. a situação em 1977

Fim de 1976, a FUNAI (DGPI) tinha feito uma proposta para uma reserva Mekrãgnoti. A área prevista era de aproximadamente 2100 km<sup>2</sup>. Embora pequena demais, para 300 índios, do grupo Kayapó, que são caçadores/coletores, que fazem grandes migrações cerimoniais e grandes viagens para pescar, essa área não incluía nem os castanhais, nem os cocais.

Por isso que fiz, início de 1977, um outro projeto, para uma área de aproximadamente 6000 km<sup>2</sup>, incluindo não só os mais importantes cocais e castanhais (nos Rios Luruá e Bau), como também a área do P.I. Bau (o P.I. Bau conta uma população duns 60 índios). -veja meu relatório de abril 1977.

#### b. as mudanças no decorrer do ano 1977

Em 1977, a FUNAI (2da DR.) fez um projeto para os índios Mekrãgnoti: limpar o Igarapé Rasgado (esse Igarapé, afluente do Rio Xixê, passa na aldeia), até a sua confluência com o Rio Xixe. Isso para facilitar o transporte de material com uma lancha, vindo de Altamira (via o Rio Iriri). De fato, o transporte aéreo é muito caro, tendo em visto a isolação deste P.I.

Para aproveitar esse novo meio de transporte, os índios fizeram uma meia dúzia de canoas.

Fim de 1977, então, a 2da DR. pediu para esses índios não irem mais tirar castanhas nos Rios Luruá-Bau, mas sim no Rio Candoca. A razão dessa mudança era de evitar atritos entre os índios do P.I. Mekrãgnoti e do P.I. Bau (que, desde a cisão que ocorreu em 1943, viviam em termos de inimigo).

É verdade que os últimos anos, houve problemas neste sentido entre as 2 comunidades indígenas, mas, poderia ser resolvido duma outra maneira.

O Rio Candoca pode ser considerada antiga terra dos mekrãgnoti, já que é lá que foi feita a 2da 'pacificação' em 1958, por Francisco Meireles. Os Mekrãgnoti tinham, também, uma aldeia antiga nessa região. Essa aldeia era chamada de krodjãme, e era situada entre o Alto Rio Candoca e o Baixo Rio Xixe (veja mapa, pp. 4).

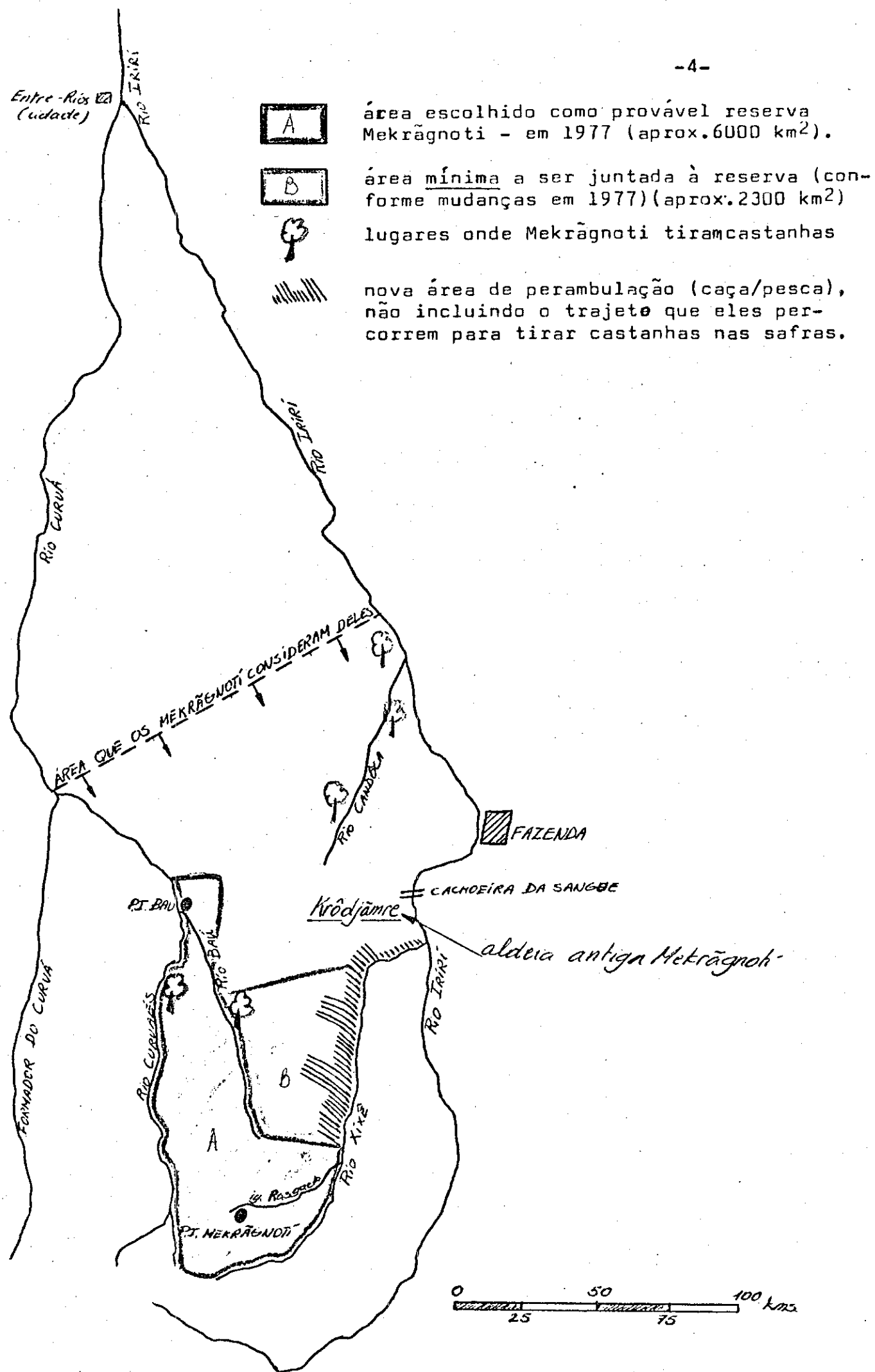


Fig.1 : Mapa da área Mokrãnoti (propôsta para ser reestudado).

Indo (de canoas) para o Rio Candôca, início de 1978, os índios tiveram que passar por uma grande cachoeira no Rio Iriri: a 'cachoeira da sangue'. Uma das canoas virou, e afundou todo o material (inclusive espingardas, munição, panelas, etc.). Foi lá, naquele lugar, e naquele momento, que a criança, duns 5 anos de idade, morreu afogado (veja:II-demografia). Mais Rio-abaixo, ainda no Rio Iriri, descobriam a presença de uma fazenda (cujo nome ou dono nos é desconhecido). Já que não costumavam andar mais naquela região, eles não sabiam da existência dessa fazenda, que, aliás, esta localizada na margem direita do Rio Iriri e, segundo informações dos índios (eu nunca visitei pessoalmente essa fazenda), é bastante nova e pequena ainda.

#### c. a situação em 1978.

A consequência da limpeza do igarapé Rasgado, e da fabricação de canoas, é que no decorrer deste ano (1978), várias vezes, alguns grupos de índios Mekrãgnoti foram de canoa não só até o Rio Xixê, mas quase até a sua confluência com o Rio Iriri. Os índios mesmos dizem que a área do Baixo Rio Xixe é riquíssima em caça de todo tipo, e em pesca.

Pessoalmente, observei em 3 viagens (na época seca - quando a navegação ainda é mais difícil) de grupos Mekrãgnoti para o Baixo Rio Xixê (a fim de caçar, pescar e coletar ovos de tracajá).

#### d. conclusões.

Tendo em visto as mudanças que houver nesse último ano, considero urgente o fato de reestudar a área para fazer uma reserva adequada, de acordo com a atual área de perambulação desse índios.

A minha idéia inicial foi de estender a reserva Mekrãgnoti até o Rio Candôca (considerando o castanhal novo, a área é rica em caça/pesca no Baixo Rio Xixe, sendo, então, a nova área de perambulação) em vez do Rio Bau.

Mas aí se tem um problema. A metade dos homens Mekrãgnoti preferem voltar para o antigo castanhal, dos Rios Curuá-Bau, porque eles são os donos desses: já na safra de 1978-1979, um grupo vai trabalhar nos Rios Luruá-Bau, enquanto que um outro grupo vai no Rio Candôca.

Outra opção minha é de incluir ambas as áreas (i.e. dos Rios Curuá-Bau e do Rio Candôca) numa só reserva. Mas aí, essa reserva terá um superfície de aproximadamente 14000 km<sup>2</sup>. Isso não só acho grande demais (para 370 índios - dos P.I. Mekrãgnoti e Bau) - mesmo com o crescimento demográfico existente - veja II-demografia).

como também uma área difícil para eles controlarem/percorerem. Uma mudança, porém, acho inevitável na área a ser demarcada como reserva para esse grupo indígena: no mínimo, a região do Baixo Rio Xixê deverá ser incluído na reserva Mekrãgnoti.

#### IV. TRANSPORTE

A aldeia Mekrãgnoti pode ser considerada a aldeia mais isolada, a não ser a aldeia com acesso mais difícil, da 2da DR.

Em 1967, os próprios índios fizeram uma pista de 600 metros de comprimento e 12 metros de largura. Em 1974-1975, fizeram uma outra pista, bem maior (de 1250 metros de comprimento e 20 metros de largura), já que foi previsto o pouso de aviões da FAB. (de linha Belém-Cachimbo). Em 1976-1977, pelo menos uma vez por mês, passou um Douglas (DC3) da FAB em cima da aldeia, mas nunca pousou. Isso deixou os índios bastante tristes, e, as vezes, chateados.

Agosto de 1978, chegou a notícia que, finalmente, um avião da FAB (neste caso um Bufallo) ia pousar na aldeia, para trazer material de construção da nova sede da FUNAI.

De novo, a vinda do avião foi atrasado, deixando uns índios desesperados ou sem confiança nas promessas feito pelo pessoal da FUNAI no posto. Fim de setembro, chegou o avião Bufallo, e essa chegada deixou os índios muito allegres. Os índios esperem agora, que vai chegar um avião 'grande' (de FAB) cada mês, como è o caso nos PI Gorotire e Kubẽkrãnkẽin (2 outras aldeias Kayapó).

Desde 1977, existe uma segunda maneira de chegar na aldeia: por lancha (já que limparam o Igarapé Rasgado - veja II: TERRA). O trajêto dessa viagem é sair de Altamira, subir o Rio Iriri, o Rio Xixê, e depois o Igarapé Rasgado, até na aldeia. Isso só é possível na época de chuvas, e é uma viagem que leva umas 3 semanas (por causa das numerosas cachoeiras no Rio Iriri). Essa maneira de transporte, e boa para trazer material grande ou pesada até na aldeia (material que não cabe dentro do avião da FUNAI).

Mesmo com essa maneira nova de transporte (lancha) o avião continua ser a maneira mais indicada para chegar neste PI. Fora do pouso do avião da FAB que foi descrito antes, o único avião que passa regularmente (cada 4 a 6 semanas) neste local é o avião da FUNAI.

## V. A ALDEIA .

Em 1975, os próprios índios começaram a falar de uma nova aldeia, a ser construída no mesmo local da antiga. Em preparação disso, em 1976-1977, eles já construíram 9 casas novas, situadas fora do círculo da aldeia antiga. Deu a impressão que eles iam, pouco a pouco, reconstruir as casas, formando um círculo maior.

Dia 9 de julho 1978, porém, uma criança, brincando com fogo, pos fogo numa casa (esta, situada do lado este da aldeia). Já que tinha muito vento, e que as casas são muito pertos um do outro, o fogo se espalhou. Assim queimou-se a parte norte da aldeia: 11 casas, inclusive a casa dos homens e a sede da FUNAI. Esse fato deu o impulso definitivo para os índios construírem a dita aldeia nova.

Eles ficaram trabalhando umas 6 semanas, construindo 11 casas. fim de setembro, quando eu me desloquei para Brasília (via Manaus), a aldeia nova já era composta de 20 casas (faltava só 2 a construir).

A aldeia nova e formado de um só grande círculo e, espacialmente, a maioria (só tem 2 expções) das famílias voltaram a ocupar o segmento tradicional (i.e. que agora os índios consideram essa aldeia como uma aldeia tradicional).

A FUNAI esta construindo a nova sede no caminho para o igarapé, a uns 150 metros da aldeia. A minha casa esta situada do lado oposto, perto do campo de pouso, a uns 20 metros da aldeia.

A casa do SIL. , que agora esta abandonada, e que esta situada dentro do círculo das casas (no lado este), vai (provavelmente) ser usada como casa dos homens. De fato, esse grupo Mekrãgnoti (como os Mekrãgnoti ou Txukarramãe do Parque Nacional do Xingú), tinha tradicionalmente uma casa dos homens do Leste (ngà kráx), enquanto que os Mekrãgnoti do PI. Bau tem uma casa dos homens do Oeste (ngà nhôt).

Segundo informações que os índios me deram, no PI. Bau também foi construída uma aldeia nova, não mais na forma de 2 ruas, mas sim circular.



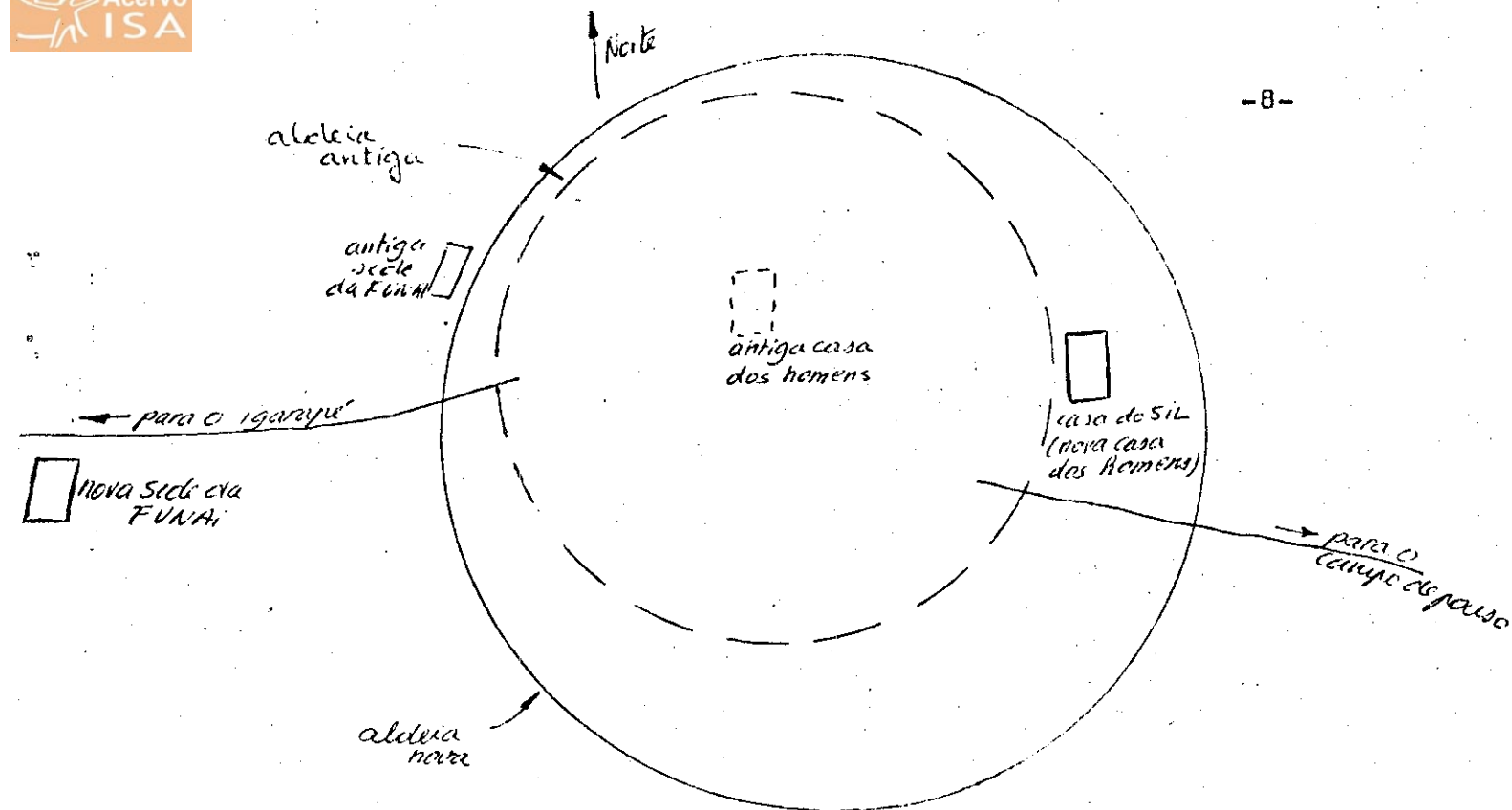


Fig. 2. : a aldeia Mokrãgnoti (antiga/nova)

#### VI. OBSERVAÇÃO .

Os índios Mokrãgnoti me pedem, cada vez insistindo mais, que seja enviado uma professora na aldeia deles. A quase totalidade dos homens me falou nesse assunto. Eles querem que as crianças deles sabem escrever e falar português. Num relatório anterior meu (de 1976), eu já tinha tocado neste assunto. Peço, então, à FUNAI que seja estudado este caso.

#### VII. O CASAL DE CINEASTAS: SR. LUDO DEBRUYNE e Sra. EDITH WYMEERSCH .

Com esta, gostaria que seja eliminado a minha carta de 18.08.1978, destinado ao Sr. Diretor do DGPC., por razão que este seguinte relação é mais objetiva e mais detalhada do que se consta na dita carta.

O Sr. Ludo Debruyne e a Sra. Edith Wymeersch chegaram no PI. Mokrãgnoti dia 8.07.1978 (autorização 076/78).

Os índios os receberam da forma mais amigável possível: os deixaram filmar tudo que quiserem e os ajudaram da melhor forma possível. Eu, pessoalmente, fiquei uns 10 dias assessorando eles (especialmente no que se trata de contato com os índios).

Em compensação, os índios esperaram (provavelmente influenciados pelo Sr. Adrian Cowell e Sr. Francois Floquêt - outros cineastas que lá passaram filmando e que eram considerados 'muito generosos') que o casal Belga seja generoso, i.e. que dêse coisas para aqueles que os ajudaram. Isso não foi o caso, e assim, rapidamente, os Belgas ganharam

o apelido de ser mesquinhos (õndjá).

us Mekrãgnoti agora, muito mais do que antes, pensam em obter coisas (moya). Eles esperam que tudo mundo que passa seja generoso. Essa vontade chega até no ponto que a maioria dos homens só fala em coisas e que muitos pensam em ir nas cidades para adquirir isso. Isso e, claro, uma das razões porque que eles querem que a FAB. pasasse lá (outra razão é a vontade deles de copiar PI. Urotire, outra aldeia Kayapó, que eles gostam muito).

Todos os serviços que eles fazem agora para os kubên (gente de fora da aldeia) tem que ser 'pago'. Do momento que eles consideram alguém de mesquinho, eles perdem o interesse nesta pessoa, i.e. a pessoa, geralmente, é julgado segundo a generosidade.

No caso meu, é diferente, já que eu já trabalho lá faz muito tempo, (desde 1974), tenho ótimas relacionamentos com eles, e que, na época quando eu comecei a trabalhar lá, não era tão acentuado essa vontade em obter coisas.

Prejudicou, porém, o relacionamento com o casal Belga.

Outro fato que influenciou muito o pensamento dos índios sobre os Belgas, é que eles considerarem a Sra. Edith Wymeersch 'uma mulher com ketket kaiqô' (i.e. uma mulher com sorriso falso). Isso, porque ela, muitas vezes, deu sorrisos forçados, e os índios notaram isso. Ela sempre fez assim quando alguém vinha pedir alguma coisa, e ela, não querendo dar, 'ficou sorrindo falso'.

Isso se deve, mais do que provavelmente, ao fato que nem ela, nem o marido dela sabiam falar português (e acho isso quasi fundamental para entrar numa área indígena, mesmo quando, como no caso dos Mekragnoti, só tem 1 índio que fala português): falando português, a maioria dos homens adultos entendem mais ou menos do que se trata. Assim voce pode explicar o porque que não pode dar aquela coisa, naquele momento. Sempre falei para os belgas de nunca negar simplesmente: é sempre preciso explicar porque, senão que voce vai considerar depois.

As vezes, o casal prometeu coisas que depois não deram, (e isso nunca se faz porque antigamente os índios já foram prometidos tantas coisas que não receberam, que isso prejudica demais o relacionamento), ou, as vezes falaram que não tinha tal coisa, enquanto que os índios sabiam que tinha ainda.

Chegou a tal ponto que, na hora que os belgas saíram (14.08.1978), os próprios índios me disseram que 'o casal não precisa mais voltar'.

quando me informei sobre a razão, me responderem sempre que era porque são mesquinhos (e sempre falaram especialmente da Sra. Edith Wymeersch). O caso com o velho chefe Mëbgogoti (uns 75 anos, mostra bem o caso:

Sendo o chefe da aldeia, o casal tratava ele muito bem: deram muitas coisas para ele. O chefe gostou e deu, o dia antes deles sair, um grande cocar de penas brancas (me akadjedja), para eles. Depois, os outros índios, que não gostaram tanto dos Belgas, influenciaram a idéia que o chefe tinha sobre o casal. O resultado é que uns dias depois, o chefe vinha na minha casa lamentar de ter dado o cocar para eles, dizendo que ele tinha dado o cocar 'kaigo' (sem recompensão).

Eu, tentei várias vezes, conversando com os Belgas, convencer eles que teriam que dar um pouquinho mais para o pessoal que ajudava eles, ou, pelo menos, de ser um pouco mais diplomática. Mas infelizmente não seguiram as minhas dicas.

O Sr. Debruyne ~~era~~ cineasta, e não duvido que ele filmou cenas bonitas. Do outro lado, a Sra. Wymeersch, do qual o cargo era de fazer gravações no gravador, ficou a maioría do tempo na rede. Quando falei para eles que ela não estava na aldeia para isso, mas sim para trabalhar, o marido dela me falou que 'ela estava cansada de trabalhar o ano todo, e precisava dum descanso'. O que, porém, me deixou realmente perpléxo, era na hora da saída deles, quando ela me falou 'te agradeço pelas férias boas'.

Na Europa, nós tínhamos combinados que eles iam fazer um filme temático (ou sobre as pinturas corporais, ou sobre a divisão de trabalho na comunidade). Uma vez na aldeia, observei (e ouvi das conversas) que eles iam fazer um documentário geral (e sobre os Kayapó já foram feito 3 documentários neste sentido) e acho que esse tipo de documentários já tem bastante no mundo.

#### Conclusão :

Tendo observado a maneira de trabalhar e o comportamento do Sr. Ludo Debruyne e da Sra. Edith Wymeersch, considero que eles podem fazer um bom trabalho. Para isso, acho que:

1. primeiramente e indispensável que eles apreendem português (sendo que essa foi uma das maiores razões de eles não ter tido um bom contato com os Mëkrãgnoti);

2. eles deveriam se preparar muito mais do que fizeram para esta primeira viagem. Essa preparação consistiria em estudar a litteratura existente sobre o grupo a ser filmado, aumentando assim as possibilidades de fazer um bom documentário -no sentido de um verdadeiro documento- cinematográfico.

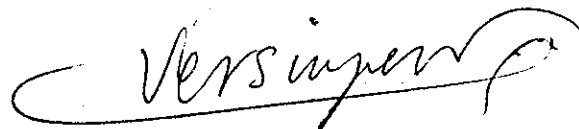
Senão, eles não deveriam (pelo menos ainda não) fazer um documentário independentemente (quer dizer filmar e montar sem a verdadeira assistencia de um antropólogo ou indigenista), mas sim contratar um antropólogo para ser diretor de filmagem/montagem (enquanto eles só executariam cargos técnicos).

Por enquanto, tendo em visto a reação dos índios Mekrãgnoti, e o fato que provavelmente não estarei nessa aldeia em julho-setembro 1979 (e que considero que eles não deveriam, ainda, ficar sózinhos com os índios), acho que não deveria-se prorrogar a autorização do casal Belga, e isso no tocante ao grupo indígena Mekrãgnoti.

#### A G R A D E C I M E N T O S :

Gostaria, nesse pequeno relatório, agradecer umas pessoas que realmente me ajudaram muito nessa fase da minha pesquisa. Em primeiro lugar o Sr. Beneral Ismarth de Araújo Oliveira, Presidente da FUNAI, para ter me autorizado a continuar as minhas pesquisas. Os Srs. Cláudio e Orlando Villas Bôas, as pessoas do DGPC. (e especialmente da DEP), e as pessoas da FAB (de Manaus).

A Sra. Lux Vidal para as sugestões para melhorar o meu trabalho,



Gustaaf Verswijver  
São Paulo, 15.10.1978